

A linguagem romanesca em Adonias Filho

Cyro de Mattos

Escritor e Poeta

Doutor Honoris Causa pela Universidade Estadual de Santa Cruz –
UESC

Recebido em: 10/08 /2015.

Aprovado em: 16/10/2015.

Em *Literatura e linguagem* (1974), a ensaísta Nelly Novaes Coelho conceitua a Língua como um sistema de elementos vocais que se impõe como regra a todos os integrantes de determinada comunidade. O indivíduo por si só não pode criá-la porque lhe é exterior. Nasce de um tácito entendimento, do pacto entre os que integram uma comunidade. Esse sistema de elementos vocais é um produto coletivo e estático, para exercê-lo faz-se necessário um aprendizado. É objeto de estudo da Gramática.

A linguagem é a parte da língua usada pelos indivíduos na comunidade para comunicar ideias. Não é uma função biológica como o respirar, que já nasce com o ser humano quando vem ao mundo. É fenômeno que decorre da nossa natureza gregária, manifesta-se porque precisamos dela para comunicarmos e dizermos do mundo, de pessoa a pessoa.

A capacidade humana de expressão verbal acontece com a Língua e a Fala. Ainda segundo Nelly Novaes Coelho, “Língua é a linguagem coletiva, sistematizada ou codificada; Fala é a linguagem individual, oral; Linguagem é toda expressão falada ou escrita.” A Linguagem como produto individual e dinâmico é objeto de estudo da Linguística, da Estilística ou da Poética.

O que vem a ser a linguagem literária no universo linguístico? A linguagem literária busca expressar estilisticamente a beleza, a emoção ou a verdade essencial da uma realidade ou experiência. A linguagem científica é mensagem verbal intencionalmente referencial, vinculada ao fato, informativa no que pretende dizer, seja qual for o seu conteúdo, econômico, histórico, sociológico, filosófico, religioso,

político, etc. Não há nenhuma função linguística em estado puro, na linguagem literária há também a informativa e na literária uma série de elementos de natureza científica. O objeto da obra, consignado pela intencionalidade, permite classificar sua linguagem como literária ou não. O reconhecimento da linguagem literária depende da maior ou menor capacidade criativa de seu autor.

E o que é Literatura? É arte, um ato que resulta da criatividade humana, que se expressa com os sinais visíveis da escrita para tocar a emoção, levar o mundo à humanidade. Esse ato criador é operado através da palavra, que em suas múltiplas significações produz um universo autônomo, onde os seres, as coisas, os fatos, o tempo o lugar, o espaço e o modo assemelham-se aos que são identificáveis nas relações objetivas do mundo real que nos cerca, mas que ali transformados em linguagem assumem uma dimensão diferente, pertencem ao reino da ficção.

Literatura é um sistema de signos. Como todo ser vivo, que é organizado em células, vasos, tecidos, vísceras e funções, a literatura também possui um corpo que é a matéria verbal. Esses signos organizam-se em frases, discursos, ritmos, melodias, estrofes, rimas, prólogos, capítulos, períodos, etc. Literatura é a expressão verbal artística de uma experiência humana. A obra literária é feita de palavras que formam frases, que pertencem a registros diferentes da fala, como nos fala Todorov. (Ver Estruturalismo e poética).

Os romances de José Alencar tratam das gentes e da terra brasileira. O tratamento dado aos assuntos revela essa alma brasileira, em função da sintaxe e modismos inseridos no texto. Tema e linguagem dos romances de José de Alencar são provenientes de um autor que à época mais tinha a alma brasileira quando então nossa literatura mostrava-se dependente de outras literaturas.

O espaço telúrico do ficcionismo brasileiro configurou-se em sua evolução com uma linguagem ufanista, decorativa, nativista e documental. Em fins do século XIX e começo do XX, período denominado de eclético em nossas letras, nossa prosa de ficção, principalmente o conto, vai procurar no espaço geográfico do interior brasileiro os elementos necessários para documentar a realidade e renovar nossa sensibilidade. Ficcionistas procuravam ver o Brasil dentro do Brasil, fortalecendo nessa postura o movimento nativista, incorporador de nossas gentes e coisas à nossa cultura, na busca de sua identidade própria.

O romance regionalista de 30, com José Américo de Almeida, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, retrata, em quadro e imagem, o universo brasileiro que se mostra no micro duma região nordestina. Em linguagem e paisagem, problema e drama, folclore e comportamento é algo assim eficaz como criação literária, capaz de representar a personalidade típica de um povo.

Depois do romance de 30, uma nova fase de nossa literatura vai se preocupar em questionar o sistema linguístico. Segundo o romancista e crítico Assis Brasil,

No caso do romance, a sua renovação se processa exatamente a partir da intenção do autor de modificar a língua, o seu instrumento de trabalho. Partindo desse princípio, o escritor é quem cria as possibilidades de renovação da língua, dando como resultado o que ele tanto procura: a linguagem. A linguagem ficcional. (ASSIS BRASIL, 1969).

Procedimentos dos mais avançados de renovação esteticista da moderna prosa de ficção brasileira configuram-se em João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Autran Dourado e Adonias Filho. Nova concepção de arte literária se processa na estrutura e linguagem. Elementos de vanguarda do século vinte incorporam-se à textura ficcional. O mundo adquire agora forte carga de sentidos por meio de vozes múltiplas, o imaginário se expressa em modelar carpintaria e inventiva formal.

Com esses quatro romancistas, a sintaxe tradicional subverte-se, o tempo da narrativa onisciente é desprezado e, subjetivado nos limites de prosa e poesia que se fundem, anula uma lógica visível. A linguagem consciente, usada como recurso literário, não reproduz os níveis fônicos e psicológicos para transpor simplesmente o real, imitando-o tal qual ele é. Torna-se instrumento de mergulho existencial ou metafísico nos personagens que vivem a atmosfera ou se movimentam na ação dos episódios, e até narram, instaurando o discurso do pensamento, paralelo ao discurso do autor que narra, indiretamente, desligado do fato. E, quando os personagens também narram, recuperam o idioma, pensam a ação e transcendem a psicologia.

Certa crítica comete erro de aferição quando observa que Adonias Filho não exagera a estilização, mas escreve elegante demais

para poder retratar um meio rural, com diálogos bem escritos que o homem do campo não sabe dizer. A acusação a Guimarães Rosa é o inverso: ele exagera a deturpação dos vocábulos em mistura com latinismos e termos eruditos, que dificilmente seriam encontrados no falar do interior. O ficcionista mineiro escreveu romances para filólogos, tanto que revolucionou a linguagem literária usando neologismos, valorizando arcaísmos, etc.

Quando mostram o interior do Brasil, tanto Adonias Filho como Guimarães Rosa documentam a realidade nacional através da arte onde estão implícitos a denúncia, a crítica, o problema social e histórico, e, em essência, o homem em sua dimensão mais profunda. Despojados dos excessos românticos, Adonias coloca o homem em sua dimensão universal diante do leitor. Consegue recursos originais, onde predominam a musicalidade, a densidade, o travamento sintático e uma entonação bíblica ritmada com o sentido profético. Aqui conhecemos um criador de um mundo bárbaro, de mistério, de violência, de fatalidade, varrido por um sopro de poesia vigorosa.

Um personagem rústico, primitivo, iletrado, desalmado, violento, destituído de qualquer ternura, não precisará que seja situado na obra ficcional como ele fala no seu mundo real. Quem pensar o contrário comete equívoco lamentável. O ficcionista não tem essa obrigação de retratar mais fiel possível à realidade circunstante. Ele propõe essa realidade formada no plano das relações objetivas como projeção do seu pensamento mágico, inventivo, com muito pouco do pensamento lógico, desenvolvido por meios de raciocínios corretos.

No caso de Adonias Filho, tal dimensão é alcançada graças a uma linguagem incisiva, cortante, que infunde a atmosfera de peso, de violência e sangue. Não será preciso que seja inserida em sua obra uma enxurrada de termos locais regionais. Alguns dirão ainda que sua narrativa distancia-se da realidade com uma linguagem mais para o erudito do que regionalista. Por estar no plano de uma realidade particular, subjetiva, de legítima criação com engenho e arte, sendo sua a visão que tem do mundo, a obra de um romancista é o seu depoimento, a sua denúncia e a sua interpretação do real.

A prosa do escritor Adonias Filho resulta de um projeto estético concebido e executado com paciência e sensibilidade. A linguagem se assenta em dois comportamentos: a sua frase nunca se distende em descrições desnecessárias, é curta, corta como lâmina afiada, sendo ao mesmo tempo reveladora das camadas espessas da cria-

tura pelos desvãos dos instintos. Quando se espraia, em poucos casos, é luminosa, sustenta-se no gerúndio para descobrir seres e coisas dentro de uma realidade subjetiva, do autor em tudo que lhe é permitido criar. O tempo verbal que distende a ação nela busca uma duração psicológica, parada, ausente de movimento no tempo sequenciado com os elementos tradicionais do princípio, meio e fim. Já em Guimarães Rosa a prosa organiza-se com o canto e plumagem das palavras, em camadas múltiplas de significação.

Outro recurso que encontramos na linguagem romanesca do autor de *As velhas* é a inversão do sujeito e predicado, procedimento que dá um tom solene e conseqüente áurea mítica. O tom solene da linguagem é um dos recursos usados na tragédia grega. No processo de mitificação de determinada humanidade emerge a linguagem densa no significado para que os personagens apareçam quase sob uma dimensão sobrenatural. Os instintos regem a ação dos personagens. A linguagem soberba concorre para que o espanto e o horror causem o assombro, a estupefação, alcancem o ponto elevado no final trágico de uma representação dramática, melhor e intensa. Sobra em Adonias Filho sensibilidade poética, um conhecimento exato do valor da palavra, a noção de sua força, o exercício de um poderio retórico espantoso, que lhe supre as deficiências estilísticas apontadas pela crítica quando incorre em repetições que formam um bloco monótono no que pretende dizer.

O instrumental linguístico desse escritor se serve de localismos e expressões usadas na região cacaueira baiana, no tempo de infância da selva, termos como ripa (surra), cabruca, picada, embira, vosmecê, cacaio (teréns), abelhar, terra melosa, nomes característicos de árvores e bichos. A propósito, no conto "O Rei", de *Léguas da promessa*, chamou-me a atenção o uso do termo carcará para designar o gavião que rasgou a criança no terreiro com suas garras poderosas. Carcará no agreste nordestino é um gavião de porte pequeno, que só agarra seres menores como pinto e calango. O termo carcará usado por Adonias Filho para um gavião enorme parece à primeira vista ter sido empregado de maneira incorreta. Na verdade, homens humildes vieram do agreste nordestino para a região cacaueira baiana no tempo do desbravamento. Prefiro pensar que carcará, vocábulo trazido pelos nordestinos, generalizou-se, tendo sido adaptado por essa primeira gente rústica para também significar a harpia, a águia enorme, possante, com quase dois me-

tros de envergadura, dominando os ares ali da selva fechada. Daí o gavião que figura no conto de Adonias Filho ser a harpia, muito encontrado nas matas do Sul da Bahia na época do desbravamento, mas que é chamado de carcará no seu conto, em razão da adaptação e extensão de significado que o termo sofreu em novo ambiente.

Severas críticas lhe foram feitas em relação ao excesso de violência e ao exagero de pormenores na obra. Outras críticas se deram em relação à linguagem utilizada: personagens rudes e ignorantes falando em expressão elevada. Quanto a esse aspecto, segundo Ludmila Bertié, sua sobrinha neta, na biografia que escreveu sobre o escritor, Adonias Filho bateu pé firme:

Acontece que, para mim, o romance não é uma captação fonográfica, nem tampouco uma investigação linguística. É um trabalho de arte a depender tão somente do artista. Então, o romance não tem nenhum compromisso com a linguagem comum de todos os dias. A linguagem pertence ao escritor e não aos personagens. Posso ter falhado, posso não ter conseguido o que foi ambicionado – mas essa qualidade artística, que é a medida proporcional, impedia-me desequilibrar a construção no aproveitamento de uma linguagem vulgar e de uma primária manifestação expressional. Ninguém mais, a não ser Shakespeare, orienta-me nessa decisão. (BERTIÉ, 2015).

Tudo que Adonias Filho escreveu como autor de ficção fez bem. No texto elíptico pulsa um estilo nervoso, tantas vezes poético, carregado de significados e abrangências míticas com seus heróis degradados, habitando o espaço fabuloso das danações fatalistas. Ali lateja, com nervos e sangue, loucura e fatalidade, o texto elíptico no estilo centrado na poesia, carregado de enunciados múltiplos. A impressão digital do escritor maior se faz presente na escrita sugestiva, muitas vezes suscitando com eficácia formal e imaginário encantador a escritura bela e poderosa. Observa-se que o ficcionista modelar foge sempre do registro exterior, fazendo prevalecer sobre o documentário o mundo subjetivo dos personagens, cenas e situações bem descritas para quem quiser conhecer o que de melhor possui a ficção brasileira. Sua narrativa desliga-se do fato, a ele interessa narrar uma humanidade vista por uma visão particular do mundo, com gravidade repercutindo os elementos constitutivos da estrutura na alma dos tempos.

Afirma Lúcia Miguel-Pereira que se inserem no regionalismo “as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora”. Na opinião da ensaísta, o regionalismo limita-se ao ruralismo e ao provincianismo, tendo como principal qualidade o que se denominou chamar cor local.

Nos caracteres do regionalismo está presente o enfoque do típico e do peculiar, inclusive da fala, tendo por fundo uma região, cujas condições são refletidas no conteúdo, conferindo-lhe nota especial. O que faz uma obra regional é o fato de mostrar-se presa, em sua matéria narrativa, a um contexto cultural específico que se propõe a retratar e onde vai haurir a sua substância.

Vejamos esses dois trechos de *Léguas da promessa*:

1 - “Falar para um homem da selva, é trabalho difícil. Um mês vinha eu, noite e dia, sozinho comigo mesmo, silencioso como a minha faca. Tudo esperava encontrar, tudo que a selva é cheia de surpresas, menos aquela queimada nos costado do rio”. (ADONIAS FILHO, 1968)”.

2 - “Falar é difícil, um homem e seus cachorros, mês ou mais sem ouvir a própria voz. O gibão de couro, a faca, as alparcatas, o baco-marte, os bornais. A fogueira da noite, o dedo no gatilho, é acordado que se dorme. A gente escuta as coisas, a água nas pedras do riacho, bandos de aves gritando como uma metralha, o vento no copado dos arvoredos, escuta sempre com a boca fechada.” (ADONIAS FILHO, 1968, p. 114).

Em *Memórias de Lázaro*, o romance tem esse começo:

“Infinita é a estrada com suas curvas, suas colinas e suas árvores. Não é uma estrada como outra qualquer, com pássaros e ladeada de grama, mas uma linha sinuosa no chão avermelhado e seco. Onde começa, ninguém sabe. Onde termina, ninguém sabe também.” (ADONIAS FILHO, 1952, p. 9).

Não se espera que o homem filho dessa absoluta solidão cósmica

seja loquaz. Esse homem de língua travada, mateiro como o índio, mais para observar do que para dizer, como era Adonias Filho, nascido na fazenda do pai, ali criado, vivendo e crescendo. Ouvia à noite histórias daquelas léguas despovoadas, de sua gente, enquanto o pai costurava os sacos de cacau no armazém sob a luz de candeeiro.

O sistema social não estava organizado, o viário era formado por trilhas na selva escura cercada de perigos. As cidades eram amontoados de casas dando os primeiros passos. Quem se alimentou da caça, bebeu água de ribeirão, conversou com longínquas estrelas ficou sendo chamado de grapiúna, aquele que improvisou morada na infância da selva, sem que um soubesse do outro, de tão distante que estava com o pensamento alimentado pela vontade da terra, sitiado pelos ocasos.

Índios, pássaros grandes, macacos, bichos predadores, escuridões. O homem com a barba por fazer, a natureza braba do ambiente forjando gente movida pelos instintos nos gestos primitivos. A mulher vestia também camisa de homem, mas era mulher. Naquele tempo era coisa rara, os caçadores pegavam índia no mato a dente de cachorro. Trocava-se na feira aquela mulherzinha quase nua por um pedaço de mata derrubada, já com alguma plantação de milho, mandioca, banana e cacau.

Tantas solidões e situações toscas foram amalgamadas e aproveitadas por Adonias Filho para a construção de uma narrativa sinopada, densa, sinuosa como o cipó, elevada como a árvore nativa, de porte linheiro, copa harmoniosa, a linguagem romanesca assim plasmada de seiva natural tem cheiro do homem no cosmos, em lugares infernais com suas representações dramáticas.

Íntimo de sua língua e capaz de transformá-la em linguagem e expressão pessoal, usando de maneira singular os meios para a criação do texto literário, cabe ao autor de ficção regional que tenta alcançar o universal revelar a razão e a emoção da criatura humana no seu difícil gesto de viver, não importa onde esteja. Incumbe-lhe desdobrar de maneira harmoniosa na escrita eficiente os seus sentimentos e pensamentos hauridos também no contexto típico em que está inserido.

Adonias Filho demonstrou com seus contos, novelas e romances que a linguagem literária é caminho importante para a compreensão do outro mais o mundo. Com esse escritor admirável ficamos sabendo que as obras literárias falam à imaginação e ao sentimento.

Fica implícito que as científicas, de preferência à razão. A soma da sabedoria humana não está apreendida por nenhuma linguagem. Nenhuma linguagem em particular é capaz de exprimir todas as formas e graus de compreensão humana. De todas as linguagens a que mais se aproxima dessa condição é a literária. A literatura é a expressão mais completa do homem, como ente que pensa e sente. Todas as outras expressões referem-se ao homem enquanto especialista de uma atividade. Só a literatura concebe e apreende o homem enquanto homem. Sem distinção nem qualificação alguma. A escrita desse escritor de períodos curtos, nos quais aparece o sujeito posposto, o uso valorizado do gerúndio e infinitivo, a supressão do verbo na frase verticalizada, é um procedimento metuculoso visando aprofundar a língua na alma brasileira, sem perder com isso o lastro que lhe deu vida, as suas raízes portuguesas.

Afirmam que o lugar faz o homem. Não Penso assim. O homem é quem faz o lugar onde nasce a memória, que perdura de gerações em gerações. Adonias Filho declarou que “nessa vida, na qual tudo é exemplar, o que fica mesmo é a obra, pois o homem passa.” O exemplo disso percebemos com seus livros, pois neste velho mundo cada um vem para, no seu canto, contar a sua história. Adonias Filho soube contar a dele como poucos.

Referências

- ADONIAS FILHO. **Os servos da morte**. Rio de Janeiro: GRD Edições, 1965.
- _____. **Memórias de Lázaro**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1952.
- _____. **Léguas da promessa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **As velhas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Achiamé, 1981.
- BRASIL Assis. **Adonias Filho**. Rio de Janeiro: Organização Simões editora, 1969.
- BERTIÉ, Ludmila. **Adonias Filho, a força da terra**. Bahia: Editora Solislugna, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagem**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1974.

_____. **Escritores no Século XX**. São Paulo: Editora Letra Selvagem, 2014.

FISCHER, Almeida. **O áspero ofício**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1983.

ELLISON, Fred. Adonias Filho. In: **Dictionary of literary biography**, volume One Hundred Forty-Five, Modern latin-american fiction writers, Detroit, A Bruccoli Clark Layman Book Gale Research Inc. Detroit, Washington, D. C., London, 1988.

LIDMILOVÁ, Pavla. **Alguns temas da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1984.

MOISÉS, Massaud; PAES, José Paulo. **Pequeno dicionário de Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

MATTOS, Cyro. **Viagrária**. São Paulo: Editora Roshita Kempf.

_____. **Histórias dispersas de Adonias Filho**. Bahia: Editus (Editora da UESC), 2013.

PARANHOS, Maria da Conceição. **Adonias Filho**: representação épica da forma dramática. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira** – prosa de ficção. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957.

TODOROV, Tzvetan. **Estruturalismo e poética**. São Paulo: Editora Cultrix, 1971